

LEO NA CORDA BAMBA

LEO NA CORDA BAMBA

Tânia Alexandre Martinelli

ILUSTRAÇÕES
HARE LANZ



1.^a edição
Conforme a nova ortografia

Copyright © Tânia Alexandre Martinelli, 2014

Gerente editorial: ROGÉRIO CARLOS GASTALDO DE OLIVEIRA

Editora: KANDY SARAIVA

Coordenação editorial: TODOTIPO EDITORIAL

Preparação de texto: CLÁUDIA CANTARIN

Assistentes editoriais: BÁRBARA PRINCE / AMANDA LASSAK / LAURA VECCHIOLI / FLÁVIA ZAMBON

Auxiliares editoriais: GABRIELA DAMICO / PATRÍCIA PELLISON

Produtor editorial: ELCYR OLIVEIRA

Suplemento de atividades: FABIANA PELLEGRINI

Revisão: SABRINA COUTINHO / ISABELA NORBERTO /

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELCIUC

Projeto gráfico e capa: LEONARDO ORTIZ

Impressão e acabamento:

**CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros (RJ)**

M335L

Martinelli, Tânia Alexandre, 1964-

Leo na corda bamba / Tânia Alexandre Martinelli ;
ilustração Hare Lanz. - São Paulo : Saraiva, 2014.
152 p. : il. (Jabuti)

ISBN 978-85-02-22511-4

1. Novela infantojuvenil brasileira. I. Lanz, Hare,
1969-. II. Título. III. Série.

14-14068

CDD: 028.5

CDU: 087.5

3ª tiragem, 2017

Saraiva Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061
www.editorasaraiva.com.br
atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.

CL: 810257

CAE: 571438

**PARA
ROSANIA STIVAL**

SUMÁRIO

O ESPELHO	9
A EXPLOSÃO	11
INSONE	14
POPULARIDADE	20
LISTA DE PRESENÇA	23
A PRAÇA	27
A CÂMERA	30
A ENTREVISTA	34
OITO DA MANHÃ	38
A CARTA	42
FOTOGRAFIAS	45
BRONCA	48
O SEGUNDO ANO	51
SOMOS INOCENTES?	54
GENTE BOA	58
EM CASA	62
A DESCOBERTA	66
DIFERENTE	70

SORVETE	75
MALU NA PRAÇA	78
DUAS LATAS DE REFRIGERANTE	82
ALTA	86
BAR DO JURA	90
AVENIDA	95
A FOTO	101
O TERCEIRO ANO	104
FESTA	109
O FOLHETO	114
CHARLES ROGÉRIO	117
O PLANO	122
NA DIRETORIA	125
NA CORDA BAMBA	130
TREINO	133
CORRIDA	138
A RODA E O VIOLÃO	142

O ESPELHO

Não queria acordar ninguém, por isso fechei a porta devagar. Não que meus pais tivessem um sono leve e acordassem por qualquer barulhinho à toa. Às vezes, a minha mãe. Escutava a porta da sala batendo e em dois segundos estava em pé, perguntando se eu queria alguma coisa. Não, mãe, está tudo bem. Aí ela caminhava até a cozinha, bebia água e voltava para o quarto com aquele olhar vago, completamente disperso, os braços largados, as pernas que mais pareciam movimentar-se mecanicamente. Ela realmente estaria acordada? Não sei, tinha horas que eu achava que não. Talvez fosse uma espécie de sonâmbula, já que nas manhãs seguintes ela sempre perguntava se eu tinha chegado tarde, jantado, ou simplesmente ido dormir direto. Engraçado... minha mãe, sonâmbula. Bom, pelo menos ela nunca abriu a porta e saiu para a rua.

Tudo estava quieto, só a luz da cozinha acesa como sempre ficava, e até esse momento eu não tinha dado um passo sequer, avançado um milímetro que fosse; ao contrário, parei na entrada da sala feito uma estátua avaliando o lugar, o conjunto todo. Acho que não era exatamente o lugar, já que eu morava ali havia algum tempo, mas avaliando alguma coisa diferente. O quê? O que é que estava diferente? Tentei achar uma resposta projetando meus olhos no corredor escuro, até o final, como se ele fosse um túnel, desses de que sempre sai um trem de repente, uma luz vindo na sua cara no maior suspense: e se não saio daqui, ele me pega? Vou para onde? Mas dá tempo de voltar atrás?

E se de repente aparecesse alguém, acendesse a luz e me dissesse: “A-há! Te peguei!”?

Leo, não delira.

Fui até a cozinha. Abri a geladeira, procurei a garrafa de água, enchi o copo e fui tomando devagar. A cada gole que passava pela minha garganta, um pensamento parecia descer junto. Um gole, um pensamento, um gole... Como é que se enxuga um pensamento?

Passei pelo banheiro antes de entrar no quarto, lavei as mãos e o rosto. Sequei na toalha branca e fel-puda que a minha mãe havia colocado no suporte, e só então reparei nesse detalhe, na maciez. Toalha nova? Vai saber. Instintivamente, olhei para os objetos em cima da pia, que sempre estiveram ali, mas, agora, com a nítida sensação de que não estavam. Quer dizer, estavam, eu que nunca tinha dado a mínima, essa era a verdade. Se me perguntassem qual a cor da saboneteira, de que material era feito o armário da pia, quantas gavetas esse armário tinha... Fechei os olhos, como que me testando. Três. Abri. Eram quatro.

Levantei a cabeça e olhei o espelho. Pode ser terrível você se enxergar, às vezes. Todo santo dia você se olha desde que nasceu, mas tem um dia que parece que você não é você. Sente vergonha, um mal-estar. Porque naquela hora, frente a frente com seu eu refletido, não há como disfarçar. Por que disfarçar para si mesmo? Tem cabimento?

Eu não havia enxugado o rosto direito, por isso passei na cara a toalha nova (?) outra vez. Fiquei congelado por algum tempo, encarando-me, olhando fundo nos meus olhos, aquelas gotas na testa parecendo suor, e bem que poderiam ser.

– Você é um cara legal, Leo.

Lembrei da frase e do que eu senti ao tê-la ouvido um ano atrás. Fiquei encabulado naquela hora, com

vontade de dizer “Ah, deixa disso...”. Mas é lógico que esse seria um truque bem fajuto, só um pretexto para ouvir em seguida algo do tipo: “É sério! Puxa, Leo, você é muito legal mesmo!”.

Claro, eu ouviria. E exatamente por isso, por ter a íntima certeza do que viria depois, eu não disse nada. Apenas um meio sorriso me escapou, um tanto envergonhado até, enquanto por dentro foi um sorriso mais do que inteiro, inteiraço! Um sorrisaço, se é que essa palavra existe.

Fico pensando em como a amizade pode ser um sentimento estranho ou mesmo contraditório, às vezes. Até onde você pode ir numa amizade. Digo, até onde você pode ser amigo pra valer, leal, companheiro pra todas as horas, difíceis ou não, alegres ou tristes, complicadas, problemáticas.

Problemático. Talvez não tenha acertado a palavra, talvez exista outra melhor para definir. Ou então porque, até hoje, eu não tenha conseguido acertar muita coisa na minha vida. Paciência.

Coloquei a toalha de volta no lugar e saí. Ninguém naquela casa acordou.

A EXPLOÇÃO

Foi por causa da bomba.

Se não fosse por aquela fatídica bomba, eu não estaria desse jeito.

No café da manhã, fiquei longe de tudo, como se estivesse mas, ao mesmo tempo, não estivesse ali. Sei que meu pai falava, me dava tarefas, eu me esforçava um pouco para escutar porque sabia que precisava – ele estava de partida para São Paulo, queria

que eu não deixasse para trás uma série de coisas importantes, imprescindíveis. E eu ali, tentando, juro que tentando.

– Preciso que você faça isso, Leo. Não vai esquecer?

– Não, pai. Não confia em mim?

– Confio.

– Então, por que pergunta se vou esquecer?

Meu pai ergueu os ombros, dando a entender que a minha pergunta não era relevante e que por isso não merecia resposta. Seus olhos já não me olhavam mais, estavam voltados para seu café com leite; nesse instante, ele levou o copo à boca, sem dizer absolutamente mais nada. Fiquei olhando aquela bebida passar pela sua garganta, imaginando quantos pensamentos estariam passando junto. Olhando, mas não olhando.

– Toma seu café, vai esfriar – disse minha mãe, e só então eu reparei que ela também estava à mesa.

Aquela bomba explodiu alguma coisa aqui também. Dentro de mim.

Entrar no primeiro ano do Ensino Médio não foi fácil. Tanto não foi, que logo que cheguei a Iracemápolis acabei ficando um ano sem estudar e com isso não me formei no ano passado, como deveria ter acontecido. Eu precisava de um tempo. Muitas coisas na nossa vida só acontecem depois que resolvemos dar um tempo. Nossa cabeça não aguenta tanta pressão.

Por mais tenso e preocupado que eu estivesse, o primeiro dia de aula até que foi bem tranquilo. Corrigindo, muito tranquilo. Nem dá para comparar, tendo em vista tudo o que eu tinha vivido na outra escola, em São Paulo, todos aqueles anos de inferno absoluto. Puxa, meu primeiro dia no primeiro ano do Ensino Médio foi ma-ra-vi-lho-so!

Claro que estou sendo irônico. Mas isso é praticamente uma verdade.

Para evitar um mau começo, fiz aquilo que eu sabia fazer bem: fiquei na minha, calado, respondendo somente ao que me perguntavam – não me perguntaram tanta coisa assim – e falando apenas o necessário – nada era muito necessário, ponto.

Querendo ou não, eu era um cara diferente. Não porque devia ser um dos mais velhos da classe, muito menos por causa da aparência, mas simplesmente pelo fato de eu ser aluno novo. E aluno novo é aluno novo. Aqui, em São Paulo, na China. O pessoal da classe já está bem enturmado entre si, sabe o nome de todo mundo, as manias, as qualidades, os defeitos, os chilikues. E ninguém conhece nada do garoto novo. Fica apenas na impressão, cada um tecendo uma possibilidade diferente. É comunicativo? Tem namorada? Gosta de quem? Está a fim de quem?

Não, não estou falando de mim. Duvido que alguém tenha se questionado tanto a meu respeito. Eu era o cara mais neutro da classe, pouco aparecia. Tinha colegas que nem sabiam o meu sobrenome ou então o que eu fazia durante o dia. Ninguém faria tantas perguntas a meu respeito, isso é óbvio.

Pus a xícara na boca e experimentei o café. Estava morno já, passado do ponto. Instintivamente olhei para minha mãe, pensando: você tem razão. Esfriou.

O cara comunicativo, em quem as meninas viviam interessadas, querendo saber se namorava, ficava, era apaixonado por alguém etc., era o Vinícius. Vini, para os íntimos. Ou seja, para a escola inteira.

Eu estava cansado naquele dia. Não tinha conseguido dormir muito bem na noite passada, tinha me revirado para lá e para cá o tempo todo – não que houvesse um motivo, não que houvesse tido um pesadelo ou algo parecido. Simplesmente são coisas que acontecem de vez em quando, sem uma justificativa aparente. Péssima noite, olheiras pela manhã e a cara amassada feito um pão que se coloca para crescer.

Assim mesmo fui trabalhar na hora de sempre, não costumava pedir regalias ao meu pai; eu, o Luciano e a Roberta – e agora um outro Leonardo – trabalhávamos da mesma forma na mercearia, seguíamos os mesmos horários, cumpríamos as mesmas regras. Entretanto, uma coisa já estava certa na minha cabeça desde o primeiro minuto daquela manhã: faltaria na escola e dormiria mais cedo. Dormir, que alegria.

Senti sono boa parte do tempo, alguns fregueses até perceberam a minha cara abatida, fizeram comentários, me mandaram tomar um chá antes de dormir. Chá é bom, depois você me conta. Quando fui para casa almoçar, deitei cinco minutos no sofá, mexi duas vezes no controle remoto da TV e fim. Apaguei. Devo ter dormido uns quinze ou vinte minutos, pela hora que vi depois – cinco minutos é que não foram. Acordei assustado e com preguiça, com tanta vontade de virar para o outro lado e dormir... E estava quase fechando os olhos, sabe quando eles vão baixando, pesados, quase, quase...

– Nossa, Leo. Nunca te vi dormir na hora do almoço! Você está bem?

Abri os olhos um pouco, o quanto consegui. Mas não a boca. Só balancei a cabeça querendo dizer “mais ou menos”.

– Dói algum lugar?

Neguei, balbuciando as primeiras palavras:

– Tô com sono...

– Isso eu estou vendo!

– Não vou na aula hoje, mãe. Vou dormir mais cedo, já resolvi.

– Não tem prova, trabalho...?

Prova. Por que minha mãe foi me lembrar? Pus a mão na cabeça e na hora ela entendeu.

– Então, não pode faltar, né, filho?

– Puxa vida... – resmunguei.

Azar, azar, azar.

Sentei no sofá, apoiei os cotovelos nas pernas, as duas mãos na cabeça pentearam o cabelo para trás algumas vezes. Meu cabelo deveria estar uma coisa de louco. Água seria bom. Água do chuveiro, aliás.

Fui salvo por aquele banho gelado; graças a ele eu já conseguia me sentir bem melhor na parte da tarde, prestei mais atenção em tudo, não me distraí o tempo todo, muito menos abri a boca de sono. Até mesmo na escola eu me senti assim. Ligado. Conectado com o mundo. Nada passaria despercebido aos meus olhos. Nenhuma explicação, nenhum movimento, nenhum inseto voando.

É nesse pedaço da história que entra o Vinícius.

O Vinícius chegou ao colégio depois das férias do meio do primeiro ano.

E já foi reclamando:

– Mas eu não posso fazer prova hoje, acabei de chegar!